

AZEVEDO (Aroldo de). — *Geografia Humana do Brasil*. (Terceiro Ano do Curso Colegial). Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1950. 268 pp. 98 gravuras.

Na elaboração da cultura de base de um povo moderno qualquer, os livros didáticos para o ensino secundário têm uma parcela de responsabilidade extremamente grande. E' através de uma série de bons compêndios que a mocidade dos países de cultura ocidental se prepara para os estudos universitários e para um domínio mais completo dos conhecimentos elementares. A necessidade de recuperação para o adolescente de um mínimo de "stock" geral de conhecimentos acumulados, é absolutamente imprescindível na vida dos povos ocidentais. O mestre-escola orienta e vivifica o ensino e o processo educativo, mas é sem dúvida o pequenino livro adotado pelo professor que possui um poder maior de penetração já que acompanha o adolescente na escola, nos bondes e ônibus, como até mesmo nas dependências íntimas do lar. Bastaria êsses fatos para justificar o cuidado que professores e especialistas devem ter, em relação ao preparo e, mesmo, à fiscalização de livros tão dedicados e importantes.

Entre nós, país de tradição universitária apenas incipiente, embora nos falte ainda livros de texto de nível superior equiparáveis aos "text books" americanos ou aos clássicos tratados franceses, alemães e italianos, começam a aparecer exemplos de bons livros didáticos de ensino médio. Mormente nos últimos vinte anos, em parte coincidindo com a renovação universitária brasileira, tem aparecido compêndios de real valor, quer pela seleção dos fatos neles compilados, quer pelo critério metodológico e pela precisão de linguagem didática utilizadas e, mesmo, pela apresentação material dos livros. Nesse setor aliás, caberia um muito justo elogio à ação da Companhia Editora Nacional que, através de uma colaboração ativa com um grupo de bons autores, conseguiu revolucionar o padrão dos livros didáticos em nossa terra.

Nas presentes notas críticas, examinaremos exatamente um dos últimos livros didáticos lançados pela Editora Nacional firmado pelo Prof. Aroldo de Azevedo, catedrático de Geografia do Brasil da Universidade de São Paulo e autor de livros didáticos dos mais conceituados do Brasil. Trata-se de um pequeno livro que além de representar o fêcho de uma série de excelentes compêndios, escritos com ponderação e espírito didático, constitui um novo trabalho de síntese sobre a muito pobre Geografia do Brasil, o que por diversas razões é um fato alviziareiro.

O novo livro didático do Prof. Aroldo considerado em seu conjunto, pode ser qualificado de um trabalho modelar, quer pela interpretação original dada ao programa, como pela absoluta adequação do nível de linguagem e do tipo de ensino a que se destina. Fato que seria reforçado de muito, se considerássemos com o realismo necessário, o atual panorama de nosso ensino secundário e o tipo médio do aluno brasileiro que freqüenta as últimas séries de nosso curso colegial. Além disso, trata-se de uma síntese madura e equilibrada de problemas brasileiros de grande interesse e importância geral. Êsses elogios iniciais nós o fazemos com absoluta convicção e sinceridade, mesmo porque, a seu tempo, não deixaremos de endereçar respeitosamente, alguns reparos ao autor, no tocante a um ou dois pontos do trabalho que nos pareceram merecer maior agitação de idéias e comentários críticos. O próprio tom do livro ao iniciar o estudo da situação geográfica do Brasil, a princípio pareceu-nos francamente criticável. Achamos modesto demais o diapasão das observações iniciais. Queríamos talvez vêr, ao envés de um subtítulo como "um dos países mais extensos do Mundo", um tópico mais pretensioso como "Brasil: um país inter-tropical atlântico" ou coisa parecida. Didaticamente, porém, sabemos que o autor é quem está com a razão.

Um mérito de plano básico no novo livro didático do Prof. Aroldo é o fato do autor ter sabido chamar a atenção — coisa rara entre nós — para

o problema fundamental de toda a nossa Geografia: as condições de **tropicalidade** do país. E o fz com ponderação, sem meufanismos pueris nem negativismos estéreis, demonstrando a profunda marca da tropicalidade climática na paisagem botânica, nos detalhes do relêvo, e o que é essencial, na estrutura econmica da nação. Pode-se dizer mesmo, nesse sentido, que se trata de um dos primeiros livros didáticos brasileiros honestos na ventilação de algumas de nossas realidades geográficas de base.

A estrutura do novo compêndio foge completamente  confusa seriação de unidades do programa oficial. E' sabido que nossos programadores oficiais muito embora tenham acertado, de modo geral, quanto  identificação dos assuntos geográficos brasileiros essenciais para um programa de 3.º ano Colegial, erraram profundamente nos pormenores da distribuição das **unidades de ensino** e mesmo na capitulação dos assuntos fundamentais a serem desenvolvidos. A unidade I que versava sobre **A POSIÇÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL**, incluía de sopeto um conceito de geografia moderna, completamente fora de lugar e um o fator posição astronmica aplicado ao Brasil, terminolgicamente impreciso e repetitivo. Andou bem o autor em colocar o conceito e o histórico da evolução da Geografia numa introdução inicial, completamente separado do corpo geral de assuntos de Geografia brasileira tratados no livro. A adoção dessa medida facilitou o estudo das outras unidades dentro de um novo arranjo metodológico tri-partite, muito satisfatório.

Numa primeira unidade de ensino o autor estudou as **BASES FÍSICAS** do país, aproveitando a oportunidade para a compreensão das relações entre o homem e a terra nesse imenso bloco de planaltos e planícies intertropicais que é o Brasil. Adotando o critério de rever as **bases físicas** do país, afim de estudar depois a história da ocupação dos solos brasileiros o autor auxiliou os alunos, revendo matéria já antiga correspondente ao 3.º ano gnasial, preparando melhor o terreno para cumprir a determinação do programa oficial que pdia para a unidade II **AS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS DA EVOLUÇÃO BRASILEIRA**.

A segunda parte do livro do Prof. Aroldo foi dedicada ao estudo d'**OS FATORES HUMANOS**. E' a que o autor analisa própriamente o **povoamento** e a marcha da **ocupação dos solos brasileiros**, bem apoiado no estudo anterior das bases físicas. Saliente-se que o autor, desta forma, ultrapassou em muito as exigências oficiais, tornando sensivelmente mais **geográfico** e sinttico o estudo dos diversos tpicos das unidades II e III do programa oficial e conseguindo escapar  orientação marcadamente histórica seguida pelos programadores.

A terceira e última seção de estudos do livro foi intitulada de **OS FATORES ECONMICOS**. O autor condensou nessa parte final de seu trabalho as três últimas unidades do programa oficial que versavam respectivamente sobre **OS PROBLEMAS DA ECONOMIA NACIONAL, O BRASIL NO CONTINENTE AMERICANO** e **O BRASIL NO MNDO**.

Todos os professores de Geografia criteriosos que analisavam as duas últimas unidades do programa oficial em questão, eram levados a restringir as duas pomposas unidades a apenas dois tpicos finais do estudo de nossos problemas econmicos básicos. Não titubeou o Prof. Aroldo em realizar a necessária amputação sem perda de espécie alguma para a realização do programa e completação do conjunto geral de ensino pedido. Por um esquecimento lamentável o programa oficial omitia a análise da **vida agrícola** de nosso país, na série de tpicos estabelecidos para o estudo de nossos principais problemas econmicos... O autor soube sanar êsse lapso, não se esquecendo também de dedicar umas poucas considerações — embora de caráter muito geral — a respeito do importante problema dos solos brasileiros.

As "leiturs" de fim de capítulo, distribuidas por todo o livro, foram em geral muito bem selecionadas, denotando bastante critério e sentido de oportunidade. Bastaria lembrarmos o belo trecho traduzido do eminente Al-

bert Demangeon a respeito d'“O método na Geografia Humana”, incluso na introdução do compêndio; assim como os trechos significativos de trabalhos de Pierre Gourou, Afrânio Peixoto, Pierre Deffontaines, Américo Barbosa de Oliveira e do próprio autor, cada qual a pedir um comentário especial e esclarecimentos do professor que bem souber utilizar o livro.

O conjunto de ilustrações (fotografias, gráficos e mapas) escolhidas pelo autor e inclusas no livro, não desmerecem em nada os trabalhos anteriores de Aroldo de Azevedo, que aliás, desde seus primeiros livros didáticos esforçou-se por renovar a péssima tradição vigorante entre nós nesse setor. O Prof. Aroldo, por outro lado, incluiu no seu livrinho, fotografias tiradas por ele próprio nas excursões que realizou a diversas regiões do Brasil.

Muitas outras interpretações e estruturas de trabalho poderiam ser utilizadas para a elaboração de um compêndio como o de Aroldo de Azevedo; poucas porém, a nosso vêr, poderiam pretender ser muito mais clara e mais, por assim dizer, **funcional**.

No tocante aos reparos que poderíamos fazer a obra do Prof. Aroldo, dois se nos afiguram indispensáveis. Trata-se das duas classificações feitas pelo autor e incluídas no compêndio: uma, dizendo respeito às regiões climato-botânicas do país, e, outra, atinente à divisão das grandes unidades do relevo brasileiro. As classificações geográficas constituem sempre esforços perigosos para qualquer autor, principalmente quando forem escassos os trabalhos analíticos e as boas monografias regionais. Muito mais perigosas ainda, elas o são, quando se destinam a livros didáticos, onde há sempre a necessidade de simplificação e conseqüentemente mutilações.

A classificação de relevo do Prof. Aroldo fazemos apenas um pequeno reparo: ela está a pedir uma série de atualizações para se pôr em dia com trabalhos fundamentais publicados posteriormente à sua feitura. Não nos sentimos à vontade para indicar os pontos que nos pareceram falhos, principalmente porque para alguns deles temos pontos de vista muito pessoal, ligados a alguns estudos de caráter geomorfológicos por nós realizados. De qualquer forma porém, achamos que o autor poderia re-arranjar alguns pormenores de sua classificação, principalmente para dar possibilidades à sua utilização em nível universitário.

Reparos um tanto mais sérios teríamos a fazer no tocante à divisão feita pelo Prof. Aroldo de Azevedo com relação às regiões climato-botânicas brasileiras. Seríamos muito insinceros se não criticássemos a aludida divisão, mesmo porque achamos que o Prof. Aroldo seguiu caminho muito lógico ao realizá-la, cometendo apenas um deslize que a comprometeu muito. O método adotado foi o de superpôr os mapas climáticos aos botânicos para apurar depois os quadros climato-botânicos propriamente ditos. Quer nos parecer porém que o autor antes de fazer a superposição comparativa simplificou demais os dois componentes básicos, obtendo como resultado uma divisão climato-botânica tri-partite muito dispare da realidade observável. Queremos crer mesmo, que o Prof. Aroldo de Azevedo para estabelecer as regiões climato-botânicas brasileiras deveria ter partido de dois mapas mais completos de divisão climática e botânica, sem quaisquer simplificações parciais, inicialmente, afim de obter depois um resultado mais real embora menos simples. Feito isso, poder-se-ia voltar à uma simplificação razoável, desta vez a **posteriori**, para a publicação no livro didático. Seguindo-se tal caminho provavelmente ter-se-ia chegado a um número maior de unidades climato-botânicas, não se correndo o risco de reduzi-las a apenas três, o que evidentemente é uma simplificação extremada. Creio (e sei que o Prof. Aroldo concordará comigo) que, em matéria de classificações científicas o que se pretende não é uma **simplificação** dos fatos mas sim uma **sistematização** da realidade. Critério que envolve uma delicadíssima diferença de caminhos a seguir. Se tocamos nesse aspecto da questão, é apenas por que sabemos do grande cuidado que o Prof. Aroldo de Azevedo dedica ao seu trabalho científico.

Ao lêr êsses pequenos e desprezenciosos reparos críticos, temos a certeza que o nosso muito presado Diretor do Departamento de Geografia da Universidade, a principio nos achará injusto. Depois, talvez, porém, saberá nos dar uma certa dose de razão, principalmente por não duvidar de que se trata de uma crítica amiga e construtiva do mais humilde de seus companheiros do Departamento de Geografia, aos quais, êle aliás, num gesto muito gentil dedicou seu livro.

Lembramos por último que a elaboração de trabalhos didáticos semelhantes ao do Prof. Aroldo é extremamente importante para a renovação do ensino no Brasil, ao mesmo tempo que é uma forma de contribuição, das mais imediatas e efetivas, que os jovens estudiosos de nossa Faculdade de Filosofia poderiam fazer para o aprimoramento do nível cultural de nosso ensino secundário. E' de se esperar apenas que, muito em breve, se passe à feitura de livros de texto de nível universitário, tão criteriosos e completos quanto possível, velha lacuna do mundo científico sul-americana. No Brasil, falta-nos, por exemplo, uma obra geográfica que possa servir como material introdutório à História do Brasil, à semelhança do extraordinário TABLEAU DE LA GÉOGRAPHIE DE LA FRANCE, de Vidal de La Blache. E êsse é um grande e velho débito que os geógrafos brasileiros têm para com seus excelentes colegas historiadores.

AZIZ NACIF AB'SABER